

ABORDAGEM DIALÓGICA SOBRE AS PECULIARIDADES DO TEXTO LITERÁRIO (EM LÍNGUA INGLESA) E DA COCRIAÇÃO: UMA ANÁLISE DE *A VISITATION OF SPIRITS*

DIALOGICAL APPROACH ON THE SPECIFICITIES OF THE LITERARY TEXT (IN ENGLISH) AND CO-CREATION: AN ANALYSIS OF A VISITATION OF SPIRITS

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior*

Resumo: Analisar textos literários escritos em língua estrangeira a partir do aporte teórico desenvolvido por Bakhtin em sua teoria do romance traz alguns desafios ao analista, entre os quais está o fato de que conceitos apresentados em obras específicas sobre o gênero romanesco estão presentes em outras obras do autor e de outros membros do Círculo. Diante disso, este trabalho buscou sistematizar alguns desses conceitos, com foco nas especificidades do texto literário e do processo de cocriação pelo leitor/analista. Apesar de este artigo buscar essa sistematização teórica, procurou-se mostrar, por meio de uma análise preliminar do romance *A visitation of Spirits* de Randall Kenan, as implicações da adoção dessa abordagem para a análise de obras literárias estrangeiras.

Palavras-Chave: Análise dialógica da literatura; Cocriação; *A visitation of Spirits*

Abstract: Analyzing literary texts written in a foreign language based on the theoretical framework developed by Bakhtin in his theory of the novel offers some challenges to the analyst, among which is the fact that concepts discussed in works that specifically focus on the novelistic genre are also present in other works of Bakhtin and other members of the Circle. Therefore, this paper aimed to systematize some of these concepts, emphasizing the specificities of the literary text and the process of co-creation by the reader/analyst. Despite the fact that this article aims at a theoretical systematization, it sought to show, through a preliminary analysis of Randall Kenan's novel titled *A visitation of Spirits*, the implications of adopting this approach to the analysis of foreign literary works.

Keywords: Dialogical analysis of literature; Co-creation; *A visitation of Spirits*

Introdução

A análise de literatura estrangeira a partir de uma perspectiva dialógica imprime a necessidade não só de se compreender o texto literário em sua arquitetura¹, como também de analisá-lo com base nas indicações dadas pelo Círculo (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)² sobre as peculiaridades do texto literário que o diferem de um

* Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas (DLLEM), e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL); email: junori36@cchla.ufrn.br.

¹ Segundo Morris (1994, p. 246), arquitetura é “A ciência das relações, de como as partes se relacionam para formar um todo (dinâmico)” (minha tradução). [No original: “The science of relations, of how parts relate together to form a (dynamic) whole”.]

² Estou usando o termo Círculo para me referir aos autores Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Reconheço que o termo é limitador, já que, segundo Brait e Campos (2009), houve vários integrantes dos

texto não literário. Nessa esteira, apesar de o Círculo não entender a palavra literária como uma palavra estranhada – como o fizeram os formalistas ao definir o que seria a palavra/linguagem poética –, a caracterização da palavra como signo ideológico³ (VOLÓCHINOV, 2017) e da linguagem como cosmovisão (BAKHTIN, 2015) aproxima o texto literário do não literário em termos do caráter semiótico-ideológico da palavra/linguagem, mas não elimina o fato de que, no texto literário, encontra-se a representação dessa linguagem, ou seja, a “imagem da linguagem” (BAKHTIN, 2015, p. 129) e não o empirismo da linguagem, ou, nas palavras de Bakhtin, os “dados linguísticos crus” (BAKHTIN, 2015, p. 129).

Com base nessa reflexão, este artigo busca discutir a análise do texto literário a partir de várias indicações encontradas nos textos do Círculo, em especial nas obras de Bakhtin, procurando entender as implicações da constituição arquitetônica do texto literário para a análise e, conseqüentemente, para o processo de interpretação/cocriação por parte do analista/leitor. Reconhecendo a especificidade do texto literário em língua estrangeira, busco discutir a sua análise dialógica a partir da premissa de que o analista, ao analisar dialogicamente um texto literário, responde a ele, posiciona-se axiologicamente diante do seu conteúdo ideologicamente saturado e assume o seu papel de cocriador. Considerando esse papel, Bakhtin (2017a) adverte que o intérprete deve estar aberto até a renunciar os seus pressupostos sobre a obra literária sob análise, tendo em vista que ele inicia a análise com “sua visão de mundo já formada” (BAKHTIN, 2017a, p. 36). Entretanto, nesse processo de “luta”, Bezerra (2017a) explica que, ao seu término, os dois (o intérprete e a obra) saem dela enriquecidos.

É pensando, portanto, nesse enriquecimento da obra e do intérprete (cocriador) que passarei a discutir, em primeiro lugar, o processo de análise literária a partir das etapas metodológicas propostas por Bakhtin. Para exemplificar, apresentarei uma

círculos que se constituíram ao longo de suas vidas. Vale destacar, ainda, que a produção acadêmica de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev também se difere no tempo, já que os escritos de Bakhtin vão chegar à década de 1970, o que não aconteceu com os outros dois devido às suas mortes prematuras. Dessa forma, o termo Círculo é usado neste trabalho como uma forma de simplificação.

³ Ideologia, no Círculo, refere-se a duas esferas de uso e compreensão. Na primeira, ideologia pode ser definida como “um conjunto de valores e de ideias que se constitui através da interação verbal de diferentes sujeitos pertencentes a diferentes grupos socialmente organizados na história concreta” (BRITO; BRITO, 2019, p. 60). Na segunda, “[i]deologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar certa terminologia da tradição marxista)” (FARACO, 2009, p. 46).

análise preliminar da obra *A visitation of Spirits* de Randall Kenan (1989), buscando entender as implicações da proposta bakhtiniana para a análise dialógica de um texto literário em língua estrangeira. Vale destacar que, por meio dessa análise preliminar da obra, apontarei caminhos analíticos que sejam coerentes com a proposta adotada.

1. *Análise dialógica da literatura*

Tenho buscado discutir, nesses últimos anos, a partir do dialogismo, as peculiaridades do texto literário em língua inglesa, a sua análise e seu ensino (MELO JUNIOR, 2015; 2016a; 2016b; 2019; MELO JUNIOR; OLIVEIRA, 2018). Essa insistência no tema decorre do fato de que a proposta da teoria do romance de Bakhtin leva o leitor/analista/cocriador a adotar um caminho analítico que, mesmo analisando discursos, heterodiscursos, vozes sociais, etc., não deixa de lado os elementos estéticos de uma obra romanesca, já que o gênero romanesco, diferentemente de gêneros não literários, parte da representação/imagem do mundo criado pelo autor do qual fazem parte elementos da construção artística, como narrador, personagens, tempo, espaço, enredo, etc.

A partir desse contexto, gostaria, portanto, de refletir sobre a análise dialógica da literatura⁴, enfocando aspectos práticos da análise para pensar, também, sobre o papel do cocriador (leitores/analistas) do texto literário. Para iniciar, cito o aspecto metodológico apontado por Bakhtin (2017a) de como se deve proceder a interpretação de uma obra: (i) primeiro passo: compreender a obra no seu pequeno tempo, ou seja, no contexto da sua criação [“da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele” (2017a, p. 40)]; (ii) segundo passo: libertar a obra dos grilhões do seu tempo e trazê-la ao tempo do intérprete, fazendo a inclusão da obra no seu contexto (trazendo-a ao grande tempo). Por questões de melhor apresentação da discussão, discutirei esses dois passos em seções distintas.

1.1 *A primeira tarefa do intérprete (cocriador)*

⁴ Tenho usado esse termo para me referir à análise dialógica de discursos no campo da literatura. Conforme explicito em Melo Jr. (2019), o uso do termo se deu pela necessidade de especificar o campo de atuação das análises dialógicas feitas, ou seja, a literatura, já que, muitas vezes, a expressão análise dialógica de discursos (ADD) é diretamente relacionada ao campo da Linguística Aplicada.

A primeira tarefa exige, segundo Bakhtin (2017a), a mobilização de imenso material, tendo em vista que o leitor (analista/cocriador) precisa interpretar a obra a partir de seu contexto de criação. No caso da literatura estrangeira, essa mobilização pode ser até mais complexa, tendo em vista que o intérprete terá de compreender o contexto da cultura de um grupo social alheio ao seu em uma língua estrangeira. Vale lembrar a advertência de Bakhtin no que tange à relação entre literatura e cultura: “[...] não se pode estudar a literatura isolada de toda a cultura de uma época” (2017b, p. 13). Isso se dá porque a relação da literatura com a vida não acontece de forma direta, ligando-a diretamente a fatores socioeconômicos. São esses fatores que agem sobre a cultura, e essa, por sua vez, influencia a literatura (BAKHTIN, 2017b). Arán (2016), ao discutir comparativamente o entendimento de Bakhtin e Lotman sobre cultura, declara que, para Bakhtin, cultura é a construção incessante de sentido por um determinado grupo que se posiciona axiologicamente diante da vida; segundo ela, “todo ato humano refrata (ao mesmo tempo que realiza) a esfera da cultura em alguma de suas ilimitadas dimensões e fronteiras” (ARÁN, 2016, p. 50; minha tradução)⁵. Nesse sentido, o intérprete deve sempre se referir ao mundo da literatura, por mais próximo que ele busque ser do mundo da vida, como uma refração⁶, um posicionamento do autor-criador diante da vida representada. Segundo Bakhtin (2018, p. 234), o “mundo representado, por mais realista e verídico que seja, nunca pode ser cronotopicamente identificado com o mundo real que representa e no qual se encontra o autor-criador dessa representação”. Bakhtin (2018, p. 231) adverte, dessa forma, contra o que ele chama de realismo ingênuo (“confundir o mundo representado com o mundo que representa”) e biografismo ingênuo (confundir “o autor-criador da obra com o autor-pessoa”).

Esta busca pela interpretação da obra, ainda nesse primeiro passo metodológico, deve levar em conta a arquitetônica da obra literária, ou seja, o seu conteúdo, a sua forma e o seu material. Em “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, Bakhtin (2002) explica que o conteúdo e a forma não podem ser dissociados nem pensados separadamente do material. Medviédev (2012) afirma que a literatura, ao

⁵ No original: “*todo acto humano refracta (al tempo que realiza) la esfera de la cultura en alguna de sus ilimitadas dimensiones y fronteras*”.

⁶ Segundo Faraco (2009a, p. 50-51), “*refratar* significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo” (grifos do autor).

se inserir na realidade ideológica que a circunda, em seu conteúdo, reflete e refrata várias outras esferas ideológicas, como “ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião e assim por diante”, ou seja, “a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte” (p. 60). Em concordância com Medviédev, Bakhtin (2002) explica que o conteúdo é o fato e o dever, ou seja, a sua composição ético-cognitiva, o conteúdo axiologicamente marcado e ideologicamente saturado. Afirma, ainda, que é a “tensão vital, ou seja, ético-cognitiva da personagem” (BAKHTIN, 2003, p. 177). É, nas palavras de Volóchinov (2019), a “realidade extra-artística tematizada” na obra. Nesse sentido, Faraco (2009b) esclarece que o conteúdo é o constituinte ético e cognitivo que foi isolado (recortado da vida) e transposto para outro plano, o plano estético, no qual passa a servir a um segundo senhor (BAKHTIN, 2015), sendo “consumados numa nova unidade de sentidos e valores” (FARACO, 2009b, p. 103). Por essa razão, o conteúdo não é apenas um tema da realidade da vida (‘fato’, elemento ‘cognitivo’), mas aquele que é axiologicamente marcado e ideologicamente saturado (‘dever’, elemento ‘ético’) que passa a fazer parte da vida criada a partir do projeto discursivo do autor.

Esse conteúdo passa, então, a ser enformado, ou seja, a receber uma forma que se utiliza de determinado material, a língua. A língua/linguagem, como é bem sabido, possui uma composição sistêmico-ideológica em Bakhtin, pois, ao não descartar a língua linguística, o autor reconhece a sua heterodiscursividade, ou seja, a sua diversidade discursiva e, dessa forma, as diferentes linguagens sociais que a constituem – mesmo diante de uma língua única. Como os conceitos da abordagem dialógica do Círculo são interdependentes, não é possível esquecer que o artista, ao escolher o seu material, ou seja, a palavra, não a escolhe como palavra dicionarizada, mas como signo ideológico por excelência (VOLÓCHINOV, 2017), que “exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa” (BAKHTIN, 2015, p. 69). Entretanto, como esta investigação está no campo da literatura, o intérprete não pode esquecer que essa língua, compreendida em seu aspecto discursivo, é a que também cria os componentes estruturais da obra literária. Bakhtin (2002) deixa isso bem claro ao afirmar que as mesmas palavras que se organizam em orações, períodos ou, de forma mais macro, em capítulos, romances, contos, atos, cenas, etc., são as mesmas responsáveis por criar os elementos puramente estéticos, ou seja, aqueles que a teoria da literatura busca discutir, como as personagens e suas características, os narradores, o

tempo e o espaço da narrativa, entre outros. Em outras palavras, a análise dialógica da literatura, além de não passar por cima da língua linguística (BAKHTIN, 2002), não deve omitir, em sua investigação, os elementos estéticos da obra, tendo em vista que um *corpus* literário pertence a um gênero literário, que, mesmo sendo relativamente estável (BAKHTIN, 2016a), possui as coerções próprias do gênero.

O terceiro elemento dessa arquitetura é a forma, que não é a forma apenas do material, como foi mencionado no parágrafo anterior, mas a forma do conteúdo, ou seja, como esse conteúdo axiologicamente marcado é enformado (toma forma) na obra. Essa relação intrínseca entre conteúdo e forma é enfatizada por Bakhtin (2002), que chega a afirmar que uma análise que não leva em conta a forma, mas apenas o conteúdo, não é uma análise literária propriamente dita: “[...] na percepção não literária do romance pode-se abafar a forma e tornar ativo o conteúdo na sua orientação ético-prática, dedicada ao problema do conhecimento” (p. 58). Segundo o autor russo, a forma abrange as “articulações composicionais de um conjunto verbal – capítulos, parágrafos, estrofes, linhas, palavras” (BAKHTIN, 2002, p. 64), bem como as ligações verbais “a comparação, a metáfora, a utilização composicional das ligações sintáticas, das repetições, dos paralelismos, da forma interrogativa”, além das relações de subordinação e coordenação (BAKHTIN, 2002, p. 65). É, portanto, no aspecto formal, em sua relação com o conteúdo, que o intérprete precisa analisar, histórica, linguística e socioideologicamente, as linguagens do heterodiscurso com seus diferentes estilos e vozes sociais, os hibridismos, as bivocalidades, as estilizações (BAKHTIN, 2015), bem como, nessa esteira, os variados graus de alteridade presentes no discurso do narrador, do autor-criador e das personagens, conforme Bakhtin (2010) explicita em *Problemas da poética de Dostoiévski*. Nessa obra, o autor sistematiza os tipos de discurso na prosa pelo critério da alteridade, declarando que os discursos podem ser monovocais (discurso direto do autor ou discurso representado do herói) ou alteritários, presentes em formas como a estilização, o *skaz*, as paródias em suas diferentes gradações, as polêmicas veladas, os diálogos velados, entre outras.

Cabe ressaltar, ainda, que Bakhtin (2016a) se refere à obra literária como enunciado concreto – “a obra é um elo na cadeia de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016a, p. 34-35) – e, como enunciado, ela surge “num determinado momento histórico em um meio social determinado” e, dessa forma, “não pode deixar

de ser participante ativo do diálogo social” (BAKHTIN, 2015, p. 49). Isso leva esta discussão ao pensamento primeiro da primeira tarefa, ou seja, a de entender a obra como a compreendeu o seu autor, ou seja, em seu contexto de produção, como um enunciado por meio do qual o seu enunciador responde axiologicamente ao mundo da vida. Bakhtin (2010) lembra, dessa forma, que a análise da obra não pode ficar em nenhum dos elementos do binarismo *estrutura – contexto social*, tendo em vista que a obra em sua arquitetura, ao mesmo tempo que é material e forma, é também enunciado e conteúdo socioideologicamente preenchido, que pede significação social, em seu contexto de produção, em seu pequeno tempo: “Não se pode, evidentemente separar a poética das análises histórico-sociais, assim como não se pode dissolvê-las nelas” (BAKHTIN, 2010, p. 41). Tendo feito essa breve discussão sobre a primeira tarefa do intérprete, passarei a discorrer sobre a segunda tarefa na próxima seção.

1.2 A segunda tarefa do intérprete (cocriador)

O segundo passo metodológico ou a segunda tarefa proposta por Bakhtin (2017a) é a libertação da obra do seu pequeno tempo, trazendo-a ao aqui e agora do intérprete. Vale destacar que esse é o segundo passo, e o autor usa numerais ordinais (primeira tarefa, segunda tarefa) exatamente para destacar a necessidade de uma ordem a ser seguida, o que evita que uma obra do século XIX, por exemplo, seja lida e interpretada apenas pelo contexto do século XIX da obra ou apenas pelo contexto do século XXI do intérprete.

É importante discorrer um pouco sobre o papel do intérprete nesse processo de “atualização” da obra. Por atualização, Bakhtin (2017b) se refere aos novos sentidos que a obra pode adquirir em um processo de enriquecimento. Para Bezerra (2017b), é no grande tempo que o “acervo de conquistas e conhecimentos permite ao intérprete extralocalizado inspirar frescor e vida nova nas obras do passado graças à natureza rediviva dos sentidos que a embasam” (p. 93). Bezerra (2017b) ainda ressalta que a interpretação criativa, no processo de criação compartilhada, é “a transformação do alheio no alheio próprio” (p. 95) e, como define Bakhtin (2017a), a continuação da criação, a multiplicação da “riqueza artística da humanidade” (p. 36). Não pode ser esquecido, no entanto, que essa atualização e enriquecimento estão no campo dos sentidos produzidos pela obra, tendo em vista que a obra literária é um objeto

esteticamente acabado, não podendo o leitor, dessa forma, modificar a sua estrutura. Bezerra (2017b) explica que é por essa razão que Bakhtin não chama o leitor-intérprete de coautor, mas de cocriador de sentidos: “[n]a criação compartilhada a obra permanece inalterada em sua estrutura formal, o leitor-intérprete não a modifica em sua estrutura formal; o que ele acrescenta são os novos sentidos que nela descobre à luz das conquistas de sua época” (p. 95).

Essa criação de novos sentidos, no entanto, está apoiada na própria materialidade do texto, em sua significação estável, tendo em vista que “[...] alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado” (BAKHTIN, 2016b, p. 95) e que “o tema deve apoiar-se em alguma significação estável, caso contrário ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). Como explicam Grillo e Américo (2017), o tema, como o sentido, está ligado ao enunciado concreto em sua totalidade na relação que ele tem com o contexto histórico concreto. Dessa forma, devido ao seu apoio na estabilidade da significação (o dado), os sentidos de uma obra literária são enriquecidos pelo intérprete e pelo próprio processo de reacentuação socioideológica da obra. Como confirma Bakhtin (2015), “as grandes imagens do romance continuam a crescer e desenvolver-se mesmo depois de sua criação e são capazes de sofrer mudanças criativas em outras épocas as mais distantes do dia e da hora do seu primeiro nascimento” (p. 239).

Diante do exposto, fica claro que, apesar de o leitor-intérprete ser cocriador da obra analisada, enriquecendo-a com o seu excedente de visão e com a inserção da obra no seu contexto, isso não indica que a obra é “aberta”, no sentido de que qualquer interpretação seja possível. Essa concepção da relativa abertura da interpretação na sua relação entre dado/criado, significação/tema e significado/sentido, é compartilhada por Jouve e Eco. Jouve (2012) afirma que “[v]er na obra uma pura construção do leitor é passar um pouco rapidamente demais da constatação de que é impossível evidenciar integralmente o conteúdo de um texto para a ideia de que não existe conteúdo objetivo” (p. 63). Mais adiante, ele declara: “[...] o sentido de um texto não está aí para ser ‘reinventado’ por parte de cada público: ele é simplesmente ‘reatualizado’” (JOUVE, 2012, p. 87; grifos do autor). Eco, em *Os limites da interpretação* (2015), também comunga desse pensamento ao afirmar que às formas lexicais corresponde um sentido

literal (o dado), que tanto é o significado encontrado nos dicionários ou aquele eleito como oficial por um determinado grupo social. Nessa esteira, adiciona que “[n]enhuma teoria da recepção poderia evitar essa restrição preliminar. Qualquer ato de liberdade por parte do leitor pode vir *depois* e não *antes* da aplicação dessa restrição” (ECO, 2015, p. xviii; grifo do autor). Nesse ponto, Bakhtin, Jouve e Eco se aproximam, pois, para os autores, mesmo de correntes epistemológicas diferentes (mas aproximados aqui por meio de fronteiras benevolentes), a atualização do leitor no seu contexto de recepção não significa coautoria, tornando a obra aberta a qualquer tipo de interpretação ou modificação. Pelo contrário, como cocriador, o intérprete enriquece a obra e se enriquece no processo, nesse diálogo que “supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas” (BAKHTIN, 2017b, p. 19).

Diante dessa discussão sobre as duas etapas do processo interpretativo de obras literárias, na próxima seção, à guisa de exemplo, busco apresentar uma análise preliminar da obra *A visitation of spirits* (KENAN, 1989), com o fito de discutir as implicações da análise dialógica da literatura para a análise de um romance que pertence à literatura afro-americana (afro-estadunidense) em sua interseccionalidade com a literatura queer.

2. *A visitation of spirits* (1989) do autor afro-americano Randall Kenan

Nesta seção, busco refletir sobre as implicações da análise dialógica da literatura para a análise de literatura estrangeira, usando, como exemplo, uma análise preliminar⁷ do romance *A visitation of spirits* (1989) do autor afro-americano Randall Kenan (1963-2020).

A visitation of spirits é um romance que narra a vida de Horace Green, um jovem homossexual, e de James Malachi Greene, um primo que se torna pastor da Igreja Batista de Tims Creek, uma cidade ficcional no estado da Carolina do Norte. O romance acontece, em especial, em três dias: 29 e 30 de abril de 1984 e 8 de dezembro de 1985, apesar de o tempo e o espaço no romance estarem sempre mudando de perspectiva. Localizado no chamado realismo fantástico, a obra também traz um jogo entre tempo

⁷ Por ser uma análise preliminar e devido às limitações de espaço do gênero artigo, haverá a apresentação e análise de apenas dois excertos da obra.

cronológico e tempo dos sonhos, a voz das personagens e a voz confessional, que “revela os conflitos mais profundos das personagens, bem como a sua vida privada que não pode tornar-se pública devido à culpa, vergonha e confusão” (ROARK, 1999, 244, minha tradução)⁸. A representação do conflito em relação à homossexualidade de Horace, que culmina com seu suicídio, é realizada a partir do enfrentamento da sua sexualidade em relação às expectativas da sua família, uma família protestante conservadora, que percebe nele a capacidade de se tornar um líder religioso. Essas expectativas foram, então, realizadas em James (Jimmy), que se torna o diretor da escola e o pastor da igreja. No entanto, ele também não está alheio ao conflito, tendo em vista que o seu casamento é representado a partir de posicionamentos axiológicos respaldados pelo patriarcalismo, também apoiado pelo discurso religioso, o que culmina em uma relação em que ambos os cônjuges, apesar de viverem juntos, vivem vidas solitárias.

Esse conteúdo do conflito entre subjetividade e o discurso autoritário da religião (no caso do romance, o conflito entre a homossexualidade e o discurso heteronormativo da religião conservadora protestante afro-americana e das relações desiguais impostas pelo patriarcalismo autoritário da religião) é enformado nos “conflitos” (conteúdo axiologicamente marcado) internos da forma da obra: a narrativa é conduzida pela voz do narrador e de personagens; o tempo da obra oscila entre o presente e o passado de forma intercambiada; o espaço da obra também oscila entre o mundo físico de Tims Creek e o mundo transcendental de demônios, gnomos, da vida após a morte e do sonho. Além disso, a forma da linguagem também não é única, tendo em vista os diferentes tipos de língua inglesa encontrados no romance, que participam desse heterodiscurso social, como posicionamentos socioideológicos diante do conflito.

Para exemplificar, gostaria de apresentar duas falas na obra (dentre tantas outras) em que o autor deixa marcado, nesses diferentes “ingleses”, estruturas linguísticas que, mesmo sendo a mesma língua, apresentam características próprias do heterodiscurso por ele construído: a estrutura da fala do pastor (Reverend Barden) com inadequações de concordância verbal [“And then you got folks who know they’s doing wrong” (KENAN, 1989, p. 76)] – ‘they’s doing’ em vez de ‘they’re doing’ –; a fala da tia de Horace de noventa e poucos anos, que também é marcada por essas inadequações [“in all

⁸ No original: “reveals the characters’ most profound conflicts, the private lives unable to be made public because of guilt, shame, and confusion”.

my ninety-some years, I spect I can tell when it's gone snow or no" (KENAN, 1989, p. 5)]. Nessa fala, o autor transforma a oralidade em materialidade linguística ao soletrar o verbo "expect" como "spect" e utilizar a forma "gone" como uma redução de "gonna", que já é uma redução de "going to". Essas falas se diferem muito da estrutura dos textos bíblicos que esses personagens reproduzem, já que os textos memorizados por eles trazem adequadamente a estrutura linguística utilizada na bíblia ["And likewise also the men, leaving the natural use of the woman, burned in their lust toward another" (KENAN, 1989, p. 77; Romanos 1: 27). É possível depreender que o conteúdo do conflito é "enformado" na materialidade das falas, pois a linguagem memorizada da bíblia é uma linguagem estranha ao uso que as personagens fazem da língua inglesa no seu cotidiano, como se a linguagem bíblica fosse a linguagem do outro, um discurso autoritário, que "penetra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível", precisando "ser integralmente confirmado ou integralmente refutado" (BAKHTIN, 2015, p. 138). Dessa forma, o autor cria, por meio desses recursos linguísticos, um distanciamento entre como a personagem fala no seu dia a dia e os versos que ela "dubla", mostrando, a meu ver, o distanciamento da religião, como discurso autoritário, em relação à vida comum das pessoas⁹. Outra observação que se faz necessária é que o texto reproduzido da bíblia é exatamente aquele usado por protestantes conservadores para combater a homossexualidade. A escolha autoral por esse capítulo de Romanos permite que os embates em torno da tensão entre homossexualidade e protestantismo conservador sejam acentuados.

Por fim, esse heterodiscurso é também enriquecido pelos diferentes gêneros intercalados: prosa, drama, textos bíblicos (Romanos 1; Tiago 1: 13-15), canções religiosas e não religiosas, entre outros. Vale ressaltar que "[t]odos esses gêneros que integram o romance inserem nele as suas linguagens, e por isso estratificam a sua unidade linguística e, a seu modo, aprofundam a sua natureza heterodiscursiva" (BAKHTIN, 2015, p. 108-109).

⁹ Refiro-me, em especial, ao uso que alguns tradutores da bíblia fazem de uma linguagem "elitista", com suas mesóclises, uso da segunda pessoa do plural e verbetes, muitas vezes, de difícil compreensão, que poderiam ser substituídos por sinônimos mais próximos da realidade dos leitores no Brasil contemporâneo. Esse distanciamento na linguagem, talvez para dar um "ar" de divindade e superioridade, provoca uma reação de "dublagem", já que muitos trechos (versículos) são memorizados de forma integral, talvez com pouca reflexão sobre a sua estrutura e/ou a compreensão das palavras como signos ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017).

Ao refletir, portanto, sobre essa primeira tarefa, é imperativo reconhecer a necessidade da mobilização de imenso material, como o próprio Bakhtin alerta. Isso se dá pelo fato de que a relação arquitetônica conteúdo-forma-material não permite que o material ou a forma fiquem relevados a segundo plano em relação ao conteúdo. Esse conteúdo, por outro lado, não pode ficar restrito ao enredo, tendo em vista que, como enunciado cultural, uma obra precisa ser estudada na sua relação com a cultura de uma época (BAKHTIN, 2017b). O estudo do material e da forma, certamente, exige do analista o conhecimento da língua estrangeira não apenas em seu aspecto dicionarizado (dado/significação/significado), mas no seu revestimento semântico e preenchimento socioideológico (criado/tema/sentido). No caso do romance de Kenan (1989), o analista precisa transitar entre vários tipos de inglês, como exemplificado anteriormente: o inglês chamado “padrão”, o inglês do vernáculo afro-americano, o inglês da versão King James da bíblia, além de todas as diferentes variedades de língua que Bakhtin (2015) aponta, como linguagens de gerações, faixas etárias, grupos, jargões profissionais, linguagem dos gêneros, das tendências, das autoridades, entre outras. Além disso, o analista precisa reconhecer, nessas variedades, não apenas o seu aspecto “dialetal”, mas a sua composição socioideológica, ou seja, a representação dos discursos de grupos sociais que, como enunciadore, respondem axiologicamente ao conflito.

Além disso, ainda em relação à forma, o analista precisa refletir sobre os diferentes gêneros intercalados na obra. Por exemplo, há três momentos em que a narrativa é interrompida por uma cena de teatro. Essas cenas acontecem em capítulos narrados por James (Jimmy) e intitulados *Confessions*. Apresento um excerto à guisa de exemplo:

Place: First Baptist Church of Tims Creek

Time: 1:35 P.M., Sunday, June 10, 1983.

Scores of people mill around on the church grounds. HORACE, wearing a suit, stands at the door to the side entrance, apparently nervous. [...].

[...]

HORACE: It's really hard to talk about this.

JIMMY (*becoming visibly concerned*): What is it, Horace, you're—

HORACE (*quickly*): I think I'm a homosexual (KENAN, 1989, p. 110, 112).

Como é possível perceber, a introdução do gênero drama (peça) se torna bastante destacada: inicia-se com a descrição do local e do tempo e, logo em seguida, há a rubrica de contextualização da cena, que antecede o diálogo, em que há, também,

rubricas sobre o comportamento das personagens. Percebe-se que essa cena representa a tensão experimentada por alguém que vai contar, pela primeira vez, sobre a sua homossexualidade (o que comumente conhecido como “sair do armário”). Essa tensão é construída pelo uso do adjetivo “hard” (difícil) que o autor coloca na boca de Horace para que ele mostre à outra personagem e ao leitor as lutas internas sobre a revelação da sua orientação sexual: é difícil falar sobre isso, especialmente ao sair de um culto protestante. A solução é falar, e, ao fazer isso, o autor o instrui a fazê-lo de forma rápida (“quickly”/ rapidamente). Disso depreende-se que, em vez de o narrador continuar a sua narrativa, ele dá voz aos interlocutores, sem a sua “interferência narrativa”. Nesse caso, o autor escolhe inserir outro gênero dentro da narrativa para não só destacá-la (a cena da revelação do conflito), mas também para dar a entender ao leitor de que as personagens “falam” como vozes independentes e centros de valor.

Em relação ao conteúdo, ainda, é necessário que a obra seja analisada a partir da interseccionalidade entre raça, gênero, sexualidade e religião, o que pode levar o intérprete (analista) a estabelecer diálogos entre o dialogismo e as críticas feminista e *queer*, bem como com os estudos da religião. Vale destacar, nessa busca da compreensão do contexto da obra, o papel importante que o discurso de autoridade da religião protestante conservadora afro-americana exerce no conteúdo do conflito, pois ela é parte integrante dele. Como afirmam Melo Júnior e Nunes (2018) “[n]ão podemos esquecer [...] que a adoção da religião calvinista implica a reverberação da tensão entre sexualidade e religião entre os afro-americanos”, tendo em vista que, como explica DeRogatis (2003), as igrejas protestantes conservadoras, a partir da sua interpretação da bíblia, texto considerado sagrado para elas, a homossexualidade não é reconhecida no campo da identidade (orientação sexual), mas no das escolhas pessoais (“opção sexual”), escolhas essas, segundo seu discurso autoritário e heteronormativo, “pecaminosas”.

Como é possível perceber, a compreensão da obra no seu pequeno tempo leva o analista a pesquisar sobre a cultura do grupo social afro-americano protestante conservador no sul dos Estados Unidos e a compreender o papel da religião no seu processo identitário – apesar de a religião protestante ser a mesma que ajudou a manter a instituição da escravidão, por meio da utilização de trechos da bíblia que pedem obediência e subserviência dos *δοῦλοι* (servos/escravos) em relação aos seus senhores

(FRANKLIN; HIGGINBOTHAM, 2011). Além disso, demandará a compreensão do conflito entre homossexualidade e discurso religioso, pesquisando como a religião afro-americana protestante conservadora, apesar de proclamar o discurso da libertação, discriminava e marginalizava pessoas LGBTQIA+ (JOHNSON, 2005).

Em relação à segunda tarefa proposta por Bakhtin (2017a), é importante destacar que uma discussão sobre o conteúdo axiologicamente marcado (conflito/tensão entre raça/etnia, sexualidade e religião) da obra leva os intérpretes cocriadores da obra a atualizarem esses discursos no seu aqui e agora, estabelecendo diálogos discursivos entre o contexto socioideológico contemporâneo de grupos culturais afro-americanos e o contexto de grupos culturais de brasileiros leitores e intérpretes da obra. Vale destacar que a análise do conteúdo axiologicamente marcado da obra afro-americana permite que haja um diálogo não só com textos literários da literatura afro-brasileira, mas permite um diálogo entre culturas. Bakhtin (2017b) lembra seus leitores que num encontro dialógico entre culturas, “elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente” (p. 19; grifo do autor).

Como isso, é possível que o leitor/analista/cocriador interprete as interseccionalidades (raça/etnia, homossexualidade em relação à religião) do mundo ficcional da obra de Kenan, presentes em seu contexto de produção, e traga esse conteúdo para o seu presente discursivo, enriquecendo os discursos que o constituem e permitindo uma reflexão sobre essas interseccionalidades aqui no Brasil. Segundo Djamila Ribeiro, em seu manual antirracista, não é preciso somente não ser racista “[...] (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada), isso não seria suficiente – a inação contribui para perpetuar a opressão” (2019, p. 14). Da mesma maneira, é possível dizer que não adianta somente não ser LGBTQIA+fóbico; é necessário ser antiLGBTQIA+fóbico. Nessa esteira, a obra permite que o cocriador reflita sobre o papel da religião Católica e Protestante na opressão de pessoas LGBTQIA+ no Brasil. Para pensar como o tema é crucial, segundo Josende (2020), a partir de dados coletado pela *Transgender Europe*, “o Brasil é o país que mais assassina LGBTs em todo o mundo” e, para o autor, os números são subestimados, já que nem todas as mortes são registradas. Em relação ao suicídio de Horace (no mundo da arte), Josende (2020) também chama a atenção para esse

problema no Brasil (no mundo da vida). Traz os dados do GGB (Grupo Gay da Bahia), segundo o qual “a cada 19 horas um gay é morto ou se suicida no Brasil”. Dessa forma, os sentidos da obra de Kenan são atualizados pelo leitor, instando-o a posicionar-se axiologicamente sobre a obra, mas também sobre a vida, com foco na opressão vivida por pessoas negras, pessoas LGBTQIA+s e pessoas negras LGBTQIA+s na contemporaneidade brasileira.

Por fim, Bakhtin (2019) declara que, como representação, “[u]m dos temas internos basilares do romance é precisamente o tema da inadequação da personagem ao seu destino e à sua situação” (p. 107). Essa busca constante do homem pela adequação ao seu destino e à sua situação extrapola o campo ficcional e busca significação no aqui e agora do intérprete, permitindo-o discutir temas como identidade, gênero, identidade de gênero, sexualidade, etnia/raça, entre outros, tão importantes em tempos que se mostram de muita intolerância, como a contemporaneidade brasileira. É por isso que Bezerra (2017b) declara que é “essa a essência da teoria bakhtiniana da interpretação como diálogo de culturas, no qual as duas culturas – a interpretante e a interpretada – se enriquecem mutuamente, revelando como atributo essencial a integridade aberta da cultura enquanto fenômeno humano universal” (p. 96).

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de contribuir para as discussões sobre a análise de literatura estrangeira. Para tal, buscou apontar o quanto a análise dialógica da literatura fomenta um enriquecimento da obra tanto no seu contexto de produção quanto no contexto da sua recepção, quando é trazida ao grande tempo.

No entanto, busquei também evidenciar as implicações dessa abordagem teórico-metodológica para a análise dialógica de um texto literário em língua estrangeira (no caso desta discussão, em inglês), tendo em vista que a adoção dessa perspectiva leva o intérprete (cocriador) a compreender a obra em sua arquitetura (conteúdo, material e forma) e, como enunciação, em seu contexto de produção. Foi possível perceber que privilegiar um desses elementos da arquitetura é não compreender a obra em sua totalidade discursiva, como parte da cultura de um grupo social. Dessa forma, por exemplo, analisar um *corpus* literário que fica apenas no campo dos discursos nele presentes, no seu conteúdo, sem se ater à sua forma e ao seu material nesse todo

arquitetônico, o que inclui os próprios elementos da composição estética, é não observar as especificidades e coerções de um texto que pertence a um gênero literário. Como vimos, Bakhtin (2002) é até mais incisivo quando afirma que uma análise do conteúdo que abafa a forma da obra literária não é considerada uma análise literária.

Busquei, ainda, ao discutir as implicações dessa abordagem para a análise da literatura afro-americana, trazer uma análise preliminar de uma obra literária e a apresentação das tarefas a serem executadas pelo analista. Apresentei, portanto, a obra *A visitation of spirits* (KENAN, 1989) e a sua complexidade criativa. Foi possível notar que a análise dialógica dessa obra levaria o analista/cocriador à mobilização de imenso material (como bem adverte Bakhtin), que compreende o estudo histórico-linguístico e socioideológico das línguas do heterodiscurso na obra, dos gêneros intercalados, do seu material entendido como signo ideológico e cosmovisão, do seu conteúdo ideologicamente marcado na interseccionalidade entre gênero, sexualidade e religião e de como todos os componentes estéticos da obra, como autor-criador, personagens, tempo, espaço, entre outros, são mobilizados pelo autor a partir da representação do conflito (conteúdo) da obra.

Pensando na segunda tarefa do intérprete, procurei trazer, também, uma breve discussão sobre o papel do intérprete como cocriador e sobre a interpretação de uma obra, que não é aberta no sentido de que aceita todos os tipos de interpretação, mas relativamente aberta, já que a sua abertura se refere aos novos sentidos que a obra produz no seu contexto de recepção. Para Bakhtin (2017b), nesse processo de interpretação criativa há o encontro (não a fusão) de culturas, e o resultado desse encontro é o enriquecimento mútuo.

Por fim, gostaria de trazer as palavras de Medviédev (2012) sobre o papel da literatura no mundo da cultura. Para ele, “os gêneros literários bem consolidados enriquecem o nosso discurso interior com novos procedimentos de tomar consciência e compreender a realidade” (p. 198). É nesse horizonte comum de compreensão que acredito ser relevante o trabalho analítico da literatura afro-americana *queer*, tendo em vista não só o enriquecimento mútuo entre obra e intérprete, mas também a abertura à produção de sentidos relacionados a identidade, gênero, sexualidade, etnia/raça e suas interseccionalidades tão necessários no Brasil contemporâneo: a partir de um mundo

criado, a literatura fomenta uma melhor compreensão do mundo da vida e enriquece os discursos interiores de seus cocriadores.

Referências

- ARÁN, P. O. Bajtín y Lotman: paradigmas y nuevos espacios culturales. In: ARÁN, P. O. (ed.). *La herencia de Bajtín: reflexiones y migraciones*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2016. p. 47-62.
- BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 5.ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002. p.13-70.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.3-192.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.19-241.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 11-69.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 71-107.
- BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a. p. 21-56.
- BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje: (resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In: *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 9-19.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2018.
- BAKHTIN, M. O romance como gênero literário. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019. p.65-111.
- BEZERRA, P. Nota de rodapé 12. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a. p. 36.
- BEZERRA, P. Bakhtin: remate final. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 81-96.
- BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.
- BRITO, P. A. de M.; BRITO, J. R. de M. (ed.). *Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2019.

MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de. Abordagem dialógica sobre as peculiaridades do texto literário (em língua inglesa) e da cocriação: uma análise de *A visitation of Spirits*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 2, n 1, p. 62-80, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

DEROGATIS, A. Varieties of interpretations: Protestantism and sexuality. In: MACHACEK, D.; WILCOX, M. *Sexuality and the world's religions*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2003. p. 233-253.

ECO, U. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FARACO, C. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

FARACO, C. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b. p.95-111.

FRANKLIN, J.; HIGGINBOTHAM, E. B. *From slavery to freedom: a history of African Americans*. 9.ed. New York: McGraw-Hill, Inc., 2011.

GRILLO, Sh.; AMÉRICO, E. Glossário. In: VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p.353-368.

JOHNSON, E. "Quare" Studies or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother. In: HENDERSON, M.; JOHNSON, E. (Eds.). *Black queer studies: a critical anthology*. Durham: Duke University Press, 2005. p. 104-130.

JOSENDE, G. E. Brasil: o país que mais extermina LGBTs no mundo. *Sul 21*, 2020. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2020/06/brasil-o-pais-que-mais-extermina-lgbts-no-mundo-por-gabriel-elias-josende/>. Acesso em: 27 fev. 2021.

KENAN, R. *A visitation of spirits*. New York: Vintage Books, 1989.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO JUNIOR, O. O ensino de literatura em língua inglesa no curso de Letras: uma abordagem dialógico-pragmática. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 10, n. 1, p. 87-103, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/20692/16670>. Acesso em: 18 set. 2020.

MELO JUNIOR, O. O ensino dialógico de literatura em língua inglesa no curso de Letras: diferentes espaços. *Linguagem & Ensino*, v.19, n.1, p. 145-171, 2016a. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/1456/924>. Acesso em: 18 set. 2020.

MELO JUNIOR, O. Língua e Literatura em diálogo: uma análise dialógica de El Sonavabitch de Gloria Anzaldúa e suas implicações. *Calidoscópio*, v. 14, n. 1, p. 145-158, 2016b. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.141.13/5206>. Acesso em: 18 set. 2020.

MELO JUNIOR, O. Ensino de literatura em Língua Inglesa: um diálogo com propostas metodológicas com base na Análise Dialógica da Literatura. *Revista Letras Raras*, v. 8, n. 3, p. 222-246, 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1499>. Acesso em: 18 set. 2020.

MELO JUNIOR, O.; OLIVEIRA, N. Langston Hughes e a representação do negro numa perspectiva dialógica de ensino/compreensão: uma pesquisa com alunos iniciantes do curso de Letras-Inglês. *Revista Letras Raras*, v. 7, n. 1, p. 241-263, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/948/592>. Acesso em: 18 set. 2020.

MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de. Abordagem dialógica sobre as peculiaridades do texto literário (em língua inglesa) e da cocriação: uma análise de *A visitation of Spirits*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 2, n 1, p. 62-80, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

MELO JUNIOR, O.; NUNES, U. Sexualidade e religião em tensão em “The foundations of the Earth”: uma análise dialógica da heterodiscursividade constitutiva. *Identidade!*, v. 23, n. 1, p. 66-84, 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/3273/3052>. Acesso em: 18 set. 2020.

MORRIS, P. A glossary of key terms. In: MORRIS, P. (ed.). *The Bakhtin reader: selected writings of Bakhtin, Medvedev, Voloshinov*. London: Arnold, 1994. p. 245-252.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROARK, Ch. Randall Kenan (1963-). In: NELSON, E. S. (ed.). *Contemporary African American novelists: a bio-bibliographical critical sourcebook*. Westport, CT: Greenwood Press, 1999. p.243-249.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização e tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 183-233.

Recebido em novembro de 2020.

Aceito em fevereiro de 2021.